EMANCIPAÇÃO

ORGÃO DA LIGA DAS ARTES GRAFICAS E DO PROLETARIADO EM GERAL

N. 1 (DA 2ª EPOCA) | *Rio de Janeiro, 21 de março 1905* | **ANNO II**

COM o presente numero entra *Emancipação* em um novo ciclo da sua ezistencia; não obstante o seu programa continua a ser o mesmo. Porque assim?! — Porque de programas e promessas já estamos conversados e fartos... Aos programas sucede o mesmo que ás leis: são coisas mortas, não teem nenhum valor intrinseco. São, não o que dizem ser, mas apenas aquilo que delas fazem os seus executores.

Assim, pois, confirmando o que ficou dito no primeiro numero, nada mais queremos prometer, para não faltar. E si, como desejamos, pudermos vir a dar mais alguma coisa, um tanto melhor para todos nós...

Ao darmos, porém, esta noticia, devemos aproveitar o ensejo que se nos oferece de acentuar, ainda uma vez, a necessidade imperiosa da ezistencia duma imprensa operaria.

A imprensa, como todos sabem, é hoje a maior potencia do mundo. Como todo grande e real poder, é ela tambem um verdadeiro perigo para a liberdade e para a justiça, uma fonte perene de todos os males e iniquidades. Mas, seja como fôr, a imprensa domina soberanamente como o mais absoluto dos autocratas: não tem leis, constituição ou costumes a observar: é o senhor absoluto das sociedades modernas. E é na redação do jornal, ora em sumptuosos palacios, ora em miseraveis aguas furtadas, que se vão confundir no mesmo escopo, no mesmo desejo, com a mesma fisionomia moral os mais tipicos representantes das diversas classes sociaes: é o rei ou o presidente, o negociante ou o banqueiro, o militar ou o clerigo, o operario ou o artista, o jogador ou o ladrão, o assassino ou o condenado, o mendigo ou o vagabundo, a barregan ou a madre Paula: — que, á uma, PEDEM: a publicação dum elogio ou dum desmentido, dum protesto ou duma noticia, duma reclamação ou dum engrossamento. E a imprensa a todos satisfaz, a todos atende... quando lhe convem, que é quasi sempre.

Mas uma classe de gente ha a quem ela nunca atende, porque nunca lhe convem atender — E ó ironia, ó irrisão! — : é aquela que faz os jornaes, é aquela que constitue essa potencia monstruosa, que tanto tem de boa como de perigosa e má.

— Hein ?! Paradocso ?! — Não, leitor amigo. E' a clara e pura verdade. O proprietario duma dessas terriveis potencias que se chama jornal, póde cometer toda sorte de injustiças contra o jornalista, o reporter, o revisor, o tipografo, o impressor; ele pode obrigar essa gente a trabalhar fóra de todas as condições de conforto e higiene; póde liquidar o seu negocio quando quizer e não pagar a ninguem: porque essa gente pode se ir queixar á imprensa quando quizer, — a imprensa nunca dará publicidade ás suas reclamações, por mais eloquentes, por mais justas e santas que elas sejam.

Mas, como de todos esses factores do jornal, os tipografos são o maior numero, é sempre sobre esta classe que vem a pesar a maior soma dos males a que aludimos. E é a esta classe, portanto, que mais interessa a ezistencia dum orgão que se faça o éco publico das suas dores e clamores. Tal é *Emancipação*.

Agora mesmo acaba de dar-se um dos factos a que aludimos. Ha quasi um mez que o *Comercio do Brazil* fechou as suas portas e até hoje não foi paga a sua corporação tipografica. Atraz do fatidico «venham cá logo, venham cá amanhã», os nossos colegas teem andado a correr todos os dias para a administração daquela folha, sem todavia terem recebido o miseravel salario tão dura e penosamente ganho.

De sorte que o prejuizo que a empreza daquela folha está causando aos nossos companheiros, já não é sómente o de lhes não pagar como devia: é estar-lhes tambem a tomar o tempo com vans correrias e falsas promessas, que nunca se cumprem. E, a bem da verdade, cumpre dizer: isto é mal que já vem de tráz, espediente que já entrou nos habitos ordinarios de certos esploradores do jornolismo: si a *coisa* não deu os resultados desejados, feixa-se sem tardança as portas, mete-se no bolso o resto do arame, e os miseraveis operarios, — depois de engambelados por alguns mezes — que vão bujiar, que vão roer pedras, que vão ganhar outro!

Para quem apelar? Só si for para o bispo. Porque a imprensa — moita! A policia — não se intende com ela. E a justiça, os miseros não teem que comer, quanto mais dinheiro para a comprar! *Pas d'argent; pas de justice!* E é caso de dizer como numa revista de Souza Bastos:

— O' da guarda, estou roubado!
— E' melhor fugir!

Pois bem. Ha dias, nas oficinas do jornal em questão, vendo-se não sabemos pela quanta vez enganado e perdidos os seus esforços, um colega nosso justamente indignado e desesperado com o espediente de que estava sendo victima, péga duma ou duas caixas daquele material em que baldadamente suára sangue, atira-as ao chão, ficando tudo empastelado.

Então a policia não se fez esperar. Foi um pronto! Prisão, corpo de delicto, processo. . A farçada do costume, emfim. E agora estamos a ver o que faz, porque já lhe cheira a dinheiro, a justiça! Hein ?! — A justiça, sim, leitor; não te ponhas a rir. A justiça! — Esta mascara cinica com que se pretende disfarçar todos os privilegios e torpezas que a burguezia roubou ao feudalismo e á aristocraeia de todos os tempos.

Com a nova, pois, da nova fase de *Emancipa-*

ção, enviamos a mais sincera e fraternal das saudações a todos quantos, por qualquer fórma, hão concorrido para o seu desenvolvimento, esperando que continuem a amparar-nos com o seu Braço, o seu Cerebro e o seu Coração, sem o que não será possivel arrancar a humanidade das torturas em que jás.

Carrard Auban

Contra as velharias

E' muito conhecida dos que, com tendencias avançadas, lutam ao campo operario a maneira arkaica de tratar uma revista ou um simples periodico de propaganda obreira.

Já se vão tornando estafados e sediços os velhos chavões de programas traçados com preoccupações de severas normas de conducta que quasi sempre não chegam a cumprir-se.

Da imprensa operaria, devem, pois, ser banidas essas velhas formas para dar logar ao desdobramento do progresso da época em todas as suas modalidades.

Afóra o que acima fica dito, o criterio dos jornalistas operarios nada fica a dever ao de *seus collegas* da imprensa burgueza : ambos têm a mesma tendencia para a louvaminha, para o elogio.

E' tempo de conjurarmos o mal apellando para outros processos mais modernos e proprios.

A *Emancipação*, comprehendemos nós, não pode continuar com o caracter de revista que se propõe a tratar de interesses, ferindo individualidades, não ; como deve ser nosso commum desejo ella procurará elevar-se á altura da missão para que foi creada, isto é : defender os interesses da classe, e propagal-os e difundir ideias e principios.

Não é pois extemporaneo declararmos que a *Emancipação*, d'ora avante será tratada com o esmero de que carece uma publicação de tal genero, offerecendo a seus leitores, um texto variado e ameno, emfim uma leitura que será didactica e recreativa ao mesmo tempo.

Para o proximo numero encetaremos a publicação de excerptos de obras cujo valor é incontestavel de interessantes artigos publicados em revistas européas sob a assignatura de reconhecidas competencias.

Karl Tag

Dois homens honrados

O mais gordo, com um sorriso bonanchão, dizia ao visinho que, com o nariz dentro do prato, ia devorando tudo que sobre a mesa deixava o caixeiro do restaurante :

— Desengane-se, meu amigo, o roubo ha de ser sempre um crime.

— O senhor é com certeza proprietario...

— Graças á minha perseverança,economia e trabalho.

— E' industrialista ?

— E commerciante.

— Ah!

— E o meu amigo a que negocios se dedica ? Parece-me corrector.

— Pois não pareço aquillo que sou: dedico-me a roubar.

— A roubar !

— Sim, senhor.

— E dil-o com orgulho ? !...

— Com o mesmo que mostra o senhor dizendo-se industrialista e commerciante.

— Mas o meu negocio é um negocio legitimo.

— Sim, quasi tão legitimo quanto o meu, si bem que não tão digno.

— Como assim ?

— Naturalmente. Não é tão digno porque é menos expôsto e mais hypocrita. Eu roubo tendo contra mim a lei ; o senhor rouba ao abrigo da propria lei. Não dá o peso certo quando vende, não repara que está envenenando a freguezia quando...

— Ha um contracto livremente estipulado.

— Sim, mas em tal contracto fala-se de certa qualidade, de certa medida, de certo preço...

— Mas...

— Deixe-me fallar. Depois dirá o que quizer.

— Não posso ouvir esses disparates.

— Comia tranquillamente quando o senhor a mim se dirigiu. Eu sou mais franco que o senhor e chamo roubo ao meu negocio. . Com respeito á industria não quererá negar que emprega artigos ruins para vendel-os, como bons e que dá aos seus operarios 5 por cento daquillo que elles produzem.

— Estariamos bem arranjados nós, os commerciantes e industriaes, se vendessemos pelo preço que compramos e se a materia prima nos custasse aquillo que tiramos da producção.

— Fariam um máo negocio, como o faço eu quando volto para casa com os bolsos vasios.

— Mas eu trabalho.

— O mesmo digo eu, e o faço muito mais pessoalmente que o senhor, si bem que...

— Não senhor !... o senhor rouba.

— Mas ao que chama o senhor *roubar* ?

— Rouba aquelle que se apodera violentamente do que não é seu.

— Bem. De maneira que entre o ladrão e o commerciante ha esta differença — o ladrão rouba violentamente ao passo que o commerciante rouba pacificamente. Confesse que nesse caso o commerciante vem a ser uma degenerescencia do ladrão. Os senhores constituiram exercitos de mercenarios sem valor para roubar de empreitada. Legalisaram a falsicação e o escamoteio. Direi melhor: perverteram a arte de roubar ; ora, ao menos por anti-estheticos quando não por outra cousa, mereciam a condemnação.

....

O ladrão e o commerciante levantaram-se da mesa sem se cumprimentar.

D'ahi a um anno, um estava na cadeia, fóra da lei, por ter roubado uma carteira, e o outro fazia leis no parlamento. Tendo jogado na baixa, de combinação com o Ministro de Estado, ganhára muitos milhões, e poude representar a nação, com a ajuda do dinheiro arrancado a innumeras familias que ficaram na miseria.

Octave Mirbeau

O velho cão

Soltava hontem já tarde um velho cão felpudo
Uns doloridos ais
Em frente dum palacio altivo, belo e mudo,
Cerrado aos vendavais.

Fazia pena ouvi-lo, o misero molosso
Em seu triste chorar!
Era quasi uma sombra: apenas pele e osso
E um vago, um doce olhar!...

Eis a sorte cruel do pobre que não come,
Dos miseros sem pão!
Em paga ainda em cima os vai tragando a fome,
A negra aparição!

Latia o cão faminto. O frio era mordente,
Feroz, quasi voraz!
E o pobre não sabia, emfim, que ha muita gente
Que adora a santa paz.

Ora, perto vivia uma galante rosa,
Etérea, virginal,
Que tinha um lindo colo, amava, era nervosa,
E a quem fazia mal,

Aquele uivar sinistro; a ponto de em desmaios
Pender a fronte ao chão!
Sairam pois á rua impavidos lacaios
E foram dar no cão.

— Ha no mundo um rafeiro, um velho cão esfaimado,
— O povo soffredor,
Que ás vezes vai ganir, com fome o seu bocado
A's portas dum senhor.

O resto é velha historia; ocioso é já dizer-vos
O fim que ele ha de ter:
A Ordem, só d'ouvi-lo, alteram-se-lhe os nervos
E manda-lhe bater.

Guilherme d'Azevedo

Diante da Vida

Diante da Vida tôrva e rude estavam dois homens a quem ela inflingira desenganos.

— Que queres de mim? perguntou-lhes a Vida.

De voz cansada, um deles falou:

— Estou revoltado pela crueldade das tuas contradições. Após mil tentativas para compreender o sentido da ezistencia, a minha razão confessa-se impotente, e, diante de ti, sinto a alma invadida pelas trévas da incerteza. E' certo que a conciencia me diz ser o homem a melhor das creações da vida, mas, sem embargo, eu sou desgraçado...

— Porque? perguntou a Vida.

— A felicidade! Mas para que eu a tenha é mistér que tu reconcilies duas contradições fundamentaes da minha alma: o meu «quero» com o teu «deves».

— Não tens que desejar sinão o que deves fazer por mim, respoudeu severamente a Vida.

— Não, não posso desejar ser tua victima! esclamou o homem. Eu, que queria dominar-te, vejome forçado a viver sob o jugo das tuas leis? Porque?

— Esprime-te com menos enfase! disse aquele que estava mais perto da Vida. Porém, sem prestar atenção ao camarada, o homem proseguiu:

— Quero ter o direito de viver segundo minhas aspirações e desejos. Não quero ser, por sentimento de dever, nem irmão, nem escravo do meu prossimo! e quero ser o que eu quizer, livremente — escravo ou irmão! Não quero ser na Sociedade a pedra que ela atira onde e como quer, construindo prisões com o seu bem-estar. Eu sou homem, eu sou o espirito e a razão da Vida, eu devo ser livre!...

— Espera! disse a Vida com frio sorriso. Tens falado muito e, tudo quanto possas dizer ainda, já eu o sei d'ante-mão. Queres ser livre? Pois bem, sêde! Luta comigo, vence-me, torna-te meu senhor, que eu serei tua escrava. Bem sabes com que doçura eu me entrego sempre aos vencedores... Mas é mistér vencer! E sentes-te por ventura capaz de lutar comigo pela liberdade? Fala! Estarás tu assás sequioso de victoria e crês na tua força?

Desalentada e tristemente o homem respondeu:

— Tu me incitas á luta comigo mesmo; tu aguças o meu raciocinio, que, qual afiado punhal, penetra fundamente em minha alma e a corta em dois...

— Fala-lhe com mais energia, não te lamentes, interrompeu o companheiro. Mas o homem continuava:

— Que a tua tirania me conceda um momento de treguas!... Oh, deixa-me provar a felicidade!...

A Vida teve um novo sorriso similhante ao frio brilhar dos gelos:

— Dize-me: quando falas de felicidade, tu eziges ou pedes esmola?

— Eu peço... disse, como um éco, o homem.

— Imploras, disse a Vida, como um mendigo de profissão. Mas meu pobre homem, fica-o sabendo: a Vida não dá esmolas... E queres que te diga: livre, o homem não pede, mas toma por suas proprias mãos os meus dons... E tu não és mais que o escravo dos teus desejos, mais nada. Livre é somente aquele cujo coração possue a força de renunciar a todos os desejos para se entregar inteiramente a um só. Compreendeste?... Pois vai-te!

O homem comprehendeu, e, estendendo-se como um cão docil aos pés da impassivel Vida, apanhou humildemente as migalhas do seu banquete. E foi-se.

Então os olhos incolores da Vida tôrva volveram-se para aquele que ainda não falára e cujas feições rudes tinham um cunho de bondade:

— E tu que pedes?

— Eu não peço, ezijo!

— O que?

— Onde está a justiça? Dá-m'a! O resto eu o tomarei depois... Por agora só quero a justiça!... Já esperei de mais, esperei longamente, pacientemente, vivendo do meu trabalho, sem repouso, nas trévas!... Esperei — mas já é tempo que eu viva! Onde está a justiça?

E, impassivel, a Vida lhe respondeu:

— Toma-a!

Massimo Gorki

Os chefes

Os camaradas que tiveram a bondade de assistir á conferencia, ou que melhor nome tenha, que efetuei na Liga sobre reorganisação social, já devem saber que eu, absolutamente, não concordo com a maneira porque alguns colegas aqui tem analisado e criticado coisas de oficinas.

No meu pobre entender, os factos de ordem administrativa particulares a tal ou qual casa de trabalho, que nestas colunas teem sido comentados e da fórma porque o foram, nunca deveriam ter obtido inserção.

Em primeiro lugar, porque um tal processo de critica desvia o nosso jornal do seu verdadeiro fim, que é agitar e discutir questões de ordem geral, acessiveis á compreensão e interesse da grande massa proletaria, pois *Emancipação*, pretende ser alguma coisa mais que simples orgão de classe.

Depois, como similhantes comentarios se desviam por completo do criterio segundo o qual devem ser vistos analisados os fenomenos sociaes, eles não só prejudicam os seus autores e mais ou menos comprometem todos os que tomam parte na vida do jornal e associação, mas ainda, e o que é pior, muito depoem contra a nossa orientação, dando uma falsa ideia dos nossos intuitos.

Eis o que urge evitar.

A' guisa de pedir melhoras para as condições de trabalho nas oficinas, resulta dos artigos a que aludo uma especie de ataque aos chefes. Eis o grande erro. E' sem duvida um vicio que nos vem da imprensa burgueza, onde nos esaurimos e embrutecemos; mas si na mão dos esploradores da ingenuidade e ignorancia publica essa arma é vantajosa e dá os resultados desejados, nas nossas mãos, porém ela só é perigosa e contraproducente. E é preciso que todos fiquem sabendo: nós não temos a doida pretenção de melhorar a vida das oficinas por meio de conselhos, censuras, elogios ou remoques— ex-cátedra— ao seus directores.

E' por este meio, na verdade, que a imprensa burgueza todos os dias engoda a malsã curiosidade do populacho, a quem esplora e de quem vive; mas é facil compreender: ante chefes e patrões a nossa posição é bem diversa da da imprensa burgueza ante o governo. Ela póde ataca-lo á vontade e abrir todas as valvulas da sua indignação; porque quanto mais violento fôr o trôpo mais prodigo é o publico em compra-lo. Mas as nossas filipicas ninguem as compra: e, si as quizermos, havemos de faze-las de graça e paga-las caras.

Corrijamo-nos, pois, deste vicio, e evitemos esse erro. Ainda é tempo.

Na minha já citada conferencia deixei bem esplicita a maneira porque nos devemos conduzir para obter as reformas e as melhorias que o trabalho tipografico ezige. Por agora limitar-me-ei a demonstrar como essa especie de ataques aos chefes é, além de contraproducente, injusta.

Ora definamos lá esta coisa: que é um chefe?

Para os politicos da situação é uma especie de Deus: tudo deseja fazer e tudo bem fará. Eles pedem-lhe tudo, e só dele tudo esperam.

Para os politicos da oposição é quasi a mesma coisa; porém com os papeis invertidos: é Satanaz: tudo faz mal e tudo deseja fazer mal.

Tais são as duas bizarras concepções moraes com que o cerebro morbido das religiões atrofiou e embruteceu a inteligencia humana. Porém, ambas são falsas.

Ha por toda parte quem só *deseja* fazer bem, e é, sem ezagero, todo mundo (até aqui a concepção Deus aprossima-se da verdade); mas, que o *possa* fazer, não. E é aqui que ela se torna absurda, porque do contrario, não haveria mal no mundo.

Mas si na concepção Deus ha um pouco de bom senso, na concepção Diabo tudo é absurdo. Porque em parte alguma se encontra e esse monstro esquipatico e estravagante que só deseja fazer mal. O proprio matoide de Lombroso, o degenerado, o criminoso nato, não corresponde ás qualidades que o Padre deu a Satanaz. Pois ele, matoide, não pratica o mal *por querer*, por *deseja-lo*: o pratica em virtude do seu estado doentio, das suas taras patologicas.

Mas, embrutecida por estas duas falsas concepções moraes, a humanidade não sabe raciocinar d'outra maneira; si o chefe corresponde aos seus desejos, é Deus, e ela se prosterna, adorando. Si não corresponde: é Diabo, e ela o odeia

E porque é que assim sucede? Porque, dominada pela falsa crença de que o homem é absolutamente livre de fazer o que quizer, ela não adverte que as acções individuaes dependem poderosamente das circumstancias e do meio em que o individuo se encontra. Na guerra, por ezemplo, o mais humanitario e bom dos homens se ha de converter em assassino. O meio o domina. E o que vemos por toda parte não é o homem absolutamente livre, como as estupidas religiões o pintam, fazendo á vontade tudo o que quer ou deseja, ainda mesmo que este homem se chame Rei Absoluto: o que vemos é o individuo, dominado pelo instincto de conservação e cercado por um sem numero de fenomenos contra os quaes tem de lutar, mover-se no dominio da possibilidade para obter o *seu* bem. Si o meio em que se encontra, as circumstancias que o rodeiam, lhe permitem obter o *seu* bem sem ocasionar mal a *outrem*, ele é por natureza bom e justo. Mas si este meio e circumstancias só lhe permitem obter o seu bem atravez do mal dos outros, ele é mão e injusto.

E', portanto, injusto e contraproducente atacar os chefes (sinonimo de governos) por males de que não são unicos e directos culpados: males que, ainda que o queiram, não tem possibilidade de evitar. Injusto, porque são acusados de culpas que pertencem a todos; contraproducente, porque se não são bons (todo o governo é ruim!), tornam-se piores.

E para isto é que só ha um remedio: remover as causas do mal.

No regimen burguez vigente, em que ninguem se importa com o bem publico, que é a verdadeira civilisação, e todos só procuram *avançar no arame*, importando-se pouco em esmagar e lesar os seus semelhantes, — neste regimen não ha costumes, não ha principios de moral, não ha liberdade, não ha garantias nem sombra de justiça: as leis são uma burla, as aparencias de justiça, uma farça.

Num tal regimen póde haver todo o progresso material e industrial imaginavel: grandes ateliers, grandes academias e grandes avenidas: não ha, porém, nem póde haver, civilisação. Ainda que se digam regidos por uma constituição de igualdade para todos, em tal regimem só impera isto: a agressão mutua, a licença, o arbitrio, a oligarquia mais perfeita.

E porque? porque os chefes são Satanaz e só querem o mal, só desejam fazer mal? Não. E' porque os chefes, além de se não encontrarem amparados por uma doutrina social e elevada, vêem-se num meio falso e incerto, onde pululam intrigantes, traidores e ambiciosos anti-sociaes, onde todos só procuram o *seu* bem sem se importarem causar o mal dos outros.

E' isto, aproximadamente o que se dá na oficina. O chefe não deseja o mal dos seus companheiros — deseja mesmo beneficial-os —; mas, antes de tudo, deseja e procura assegurar o *seu* bem. Si ele não vivesse numa atmosfera de intrigas e ambições egoisticas, onde ha sempre quem se ofereça ou se preste a fazer o trabalho por menos — esta especie de chefes politicos que teem o *seu pessoal* de guerra — e que fazem uma concurrencia cinica e descaroavel; si não fose isto, o chefe não praticaria actos lesivos dos seus companheiros, pois, com sua competencia e honestidade teria o logar garantido.

Demais, si a corporação, unida e solidaria, se opuzesse a taes praticas, elas não teriam efeito. Mas no pé em que as coisas se acham, onde todos, pretendo só cuidar de si, cavam a mutua ruina por falta de solidariedade em sentimentos e acções, o chefe, vendo-se tambem guerreado e em perigo, é naturalmente levado a imitar os governos dos paizes onde não ha povo e só ha arrivistas: cria uma especie de oligarquia, e protege descaradamente o grupo que o apoia e bajula.

E é o chefe o unico culpado? De certo que não. São-no todos. E o remedio só póde sair da acção solidaria de todos. Ele, chefe, não é peior nem melhor que qualquer dos que o atacam.

Já o tenho dito: para pôr termo a similhante estado de coisas só ha um meio: vulgarisar principios de educação social; dar aos individuos uma verdadeira compreensão dos seus interesses; convencel-os finalmente, que em logar dessa concurrencia barbara e selvagem em que se encontram sempre esmagados, devem praticar a solidariedade e o aussilio mutuo afim de prepararem um mundo melhor.

Deve ser esta a obra da *Emancipação*.

E vou fazer ponto. Mas, depois do que dito fica, espero não se repetirão os erros que vimos de assinalar. Não é combater os chefes: é atrail-os e associal-os á nossa obra. Quando nos acharmos em circumstancias de poder solicitar uma reforma na vida das oficinas, — ha tantas a clamar! — não nos dirigiremos de longe, por artigos de jornaes, aos respectivos directores: iremos directa e afetivamente a eles espor a reforma que já temos estudada. Pedimos o seu aussilio, o seu concurso, o seu apoio para que a boa medida seja adoptada.

E, só em casos escepcionaes, em que perversa e caprixosamente chefes ou patrões não queiram ser razoaveis e entrar no bom acordo, as medidas rigorosas e de certo modo violentas serão por nós empregadas.

Concluindo, repito o que já disse na minha citada conferencia: «E' preciso que patrão e operario se considerem interessados num problema cuja solução a ambos interessa igualmente. E' preciso que, quando o operario reclama, o patrão não veja nele um criminoso: do contrario, o operario verá no patrão um bandido. E' preciso que eles se procurem entender por boas maneiras, e como quem ezecuta uma operação comercial: compra e venda de trabalho. Si, porém, assim não suceder, será impossivel evitar tremendos choques sociaes que, estalando aqui e ali, levarão na sua frente cabeças degoladas de máos e de bons.»

Disséra Jesus ao mundo «que vinha trazer, não a paz, mas a guerra.» Era um lema. E, com efeito, ha já muitos seculos que a humanidade se extermina na guerra, na desarmonia. O nosso lema, porém, é outro:

« A's armas pela paz!
A's armas contra a guerra! »

Mota Assunção

Os factos historicos se repetem sempre. Em todos os tempos os poderosos acreditaram que as ideias de progresso seriam abandonadas diante da suppressão de alguns agitadores; hoje a burguezia pensa deter o movimento das reivindicações proletarias sacrificando os seus defensores. Si bem que, os obstaculos que se têm opposto ao progresso pareçam ás vezes insuperaveis, têm sido sempre vencidos.

A. Fischer.

A' gente nova

Era isto que havieis sonhado?

Emfim, se estudardes os recentes progressos industriaes, vereis que a costureira nada lucrou com a descoberta da maquina de costura; que o operario do Gothard morre de ankilostomazia e que o pedreiro e o jornaleiro erram sem trabalho, como d'antes, ao pé dos ascenssores Giffard; — e se discutis os problemas sociaes com a independencia de espirito que vos guiou nos estudos technicos, chegareis forçosamente á conclusão de que sob o regimen da propriedade privada e do salariado, cada nova descoberta, em vez de augmentar o bem-estar do trabalhador não faz senão tornar-lhe a canseira mais rude, a escravidão mais negra, as crises mais agudas, os periodos sem trabalho mais frequentes, e que os que já teem por si bem-estares e alegrias, é quem tudo gosa e tudo frue. Então direis:

— O momento não é proprio para fazer descobertas! Trabalhemos, primeiro, na transformação do regimem da producção; quando a propriedade individual fôr abolida, cada novo progresso industrial far-se-á em beneficio de toda a humanidade, e a immensa multidão de trabalhadores — maquinas hoje, — seres pensantes então, — applicando á industria a propria intuição regida pelo estudo e educada pelo trabalho manual, dará ao progresso technico um impulso cujos effeitos maravilhosos nós hoje nem podemos prevêr.

E vós, moço artista, esculptor, pintor, musico, poeta, não notaes que vos falta o fogo sagrado que inspirou os vossos predecessores, que a arte é banal que a mediocridade reina? A alegria de recuperar o mundo antigo, de se dissedentar nas fontes da natureza que creou as obras primas da Renascença, não existe para a arte contemporanea; a ideia revo-

lucionaria, com excepções já hoje, tem-na deixado fria e, na ausencia da ideia, a arte julgou encontrar uma no realismo, e eil-a que se põe a photographar uma gotta de orvalho n'uma folha de rosa, ou a musculatura de uma vacca, ou a pintar minuciosamente a lama de uma sargeta ou o toucador de uma mulher da moda!

Mas se o vosso coração bate em unisono com o coração da humanidade, se a vossa commoção é a de um verdadeiro poeta, se o vosso ouvido sabe ouvir a Vida, então em presença do mar de Dôr cuja maré tragica sobe á vossa ilharga, diante dos povos morrendo de fome, dos cadaveres empilhados nas minas e dos corpos mutilados ao pé das barricadas; diante dos comboios de exilados que vão a enterrar nas neves da Siberia ou nas praias das ilhas tropicaes; diante da lucta suprema — cujo desafio está lançado; das ralos dos vencidos e das orgias dos vencedores; do heroismo a debater-se, do nobre esforço que a maldade trava, — não podereis vós outros ficar neutros: poreis a vossa arte ao serviço da causa que combate pela harmonia, contra a oppressão: porque a Belleza e a propria vida estão do lado d'aquelles que lutam pela luz, pela justiça, pela humanidade!

Emfim dizeis:

— Mas se a sciencia abstracta é um luxo é a pratica da medicina um engano; se a lei é uma injustiça e a descoberta technica um instrumento de exploração; se a arte, sem que a ideia revolucionaria a inspire, ha de degenerar, — que se ha de então fazer? Respondo-vos:

— Um immenso trabalho, mais attrahente que nenhum outro, dentro do qual os actos praticados estarão em perfeito accordo com a consciencia, um trabalho magnifico capaz de enthusiasmar as naturezas mais vigorosas e nobres.

Que trabalho? Vou dizel-o.

(*A seguir.*)

Pedro Kropotkine

O primeiro dever do trabalhador que aspira á emancipação economica é associar-se aos seus companheiros de classe e, em seguida, a todos os demais assalariados.

Factos & Comentarios

Com a cessação do estado de sitio voltaram á téla os tragicos sucessos provocados pela pretenção liberticida de se impor ao povo a degradante e insultuosa vacina obrigatoria.

Não é nosso intuito fazer côro com a imprensa da oposição clamando contra o governo que foi o unico causador de todas as desgraças e monstruosidades presenciadas de então para cá pela população desta cidade: estamos assás convencidos da equivalencia de todos os governos; mas, visto que se trata agora de apurar as responsabilidades, não podemos deixar, como orgão genuino que somos da massa popular, de dar a nossa opinião.

Nós não acreditamos na justiça das leis, dos codigos, das constituições; sabemos que tudo isso não passa de um espantalho para embrutecer e escravisar o povo trabalhador; mas vós, senhores, que agora, em nome de tudo isso, procurais punir os culpados, ouvi: si quereis ser logicos e consequentes com vós proprios, e não confirmar ainda uma vez o que deixamos dito das leis e dos codigos ante os quaes vos ajoelhaes, só tendes uma coisa a fazer para punir os culpados dessas desgraças: é trazer para a praça publica esse governo, e, sumariamente enforcal-o numa córda; porque ele, tendo-se comprometido a obedecer á vontade do povo e a respeitar as leis do paiz,— repeliu desdenhosamente todas as representações populares que lhe foram enviadas contra a vacina obrigatoria e apresentou em seguida um regulamento para essa medida tiranica, no qual eram esmagadas todas as conquistas liberaes das sociedades modernas e onde se tripudiava brutal e cinicamente sobre todas as leis, tradições e costumes do paiz; factos estes que provocaram a nobre e alevantada sublevação popular, que, apezar de tudo, foi victoriosa. Honra, pois, aos seus martires! Honra a esses nobres e valorosos «vagabundos e desordeiros» que, com o seu sangue e com o seu martirio, libertaram toda uma população da calamidade, do insulto, da vexação monstruosa da Vacina Obrigatoria!— Ave! Salve!

Mas vós, senhores da Justiça, nada fareis do que vos acabamos de apontar como o vosso dever, e, pelo contrario, ides punir, não os culpados, mas ainda as victimas de todas essas desgraças: por isso, é que nós tornamos a repetir que todos os vossos codigos e leis não são mais que um espantalho para manter a injustiça e a iniquidade social através do embrutecimento e da escravidão de todos nós, que somos o povo trabalhador.

Gréve do «Fanfulla». — Da União dos Trabalhadores Graphicos de S. Paulo recebemos, em dias do mez passado, um officio communicando-nos que se haviam declarado em *gréve* os camaradas que trabalhavam no *Fanfulla*, jornal que naquella cidade é publicado em lingua italiana.

Para que os nossos leitores possam avaliar dos motivos que levaram aquelles camaradas a tomar tal medida, passamos a narrar, em resumo o que a proposito disse o nosso collega tambem de S. Paulo *La Bataglia*.

O Sr. Rotellini, antigo typographo e actual proprietario do *Fanfulla*, resolveu renovar o seu material mandando vir typo cujo olho, muito pequeno, difficulta a composição de tal modo que um compositor que, por exemplo, compunha 200 linhas do corpo 10 antigo, terá agora de levantar para essas mesmas linhas mais 800 lettras, ou sejam, 30 linhas mais. Isto é pois o confronto do typo velho com o novo que o Sr. Rotellini quer introduzir no seu jornal.

Eis em poucas palavras os motivos que induziram á *gréve* aquelles nossos camaradas.

Como se vê são justissimas as causas da *gréve* que o *Fanfulla*, ou o seu proprietario, para melhor dizel-o provocou.

A's ultimas datas, porém, a questão tomou um outro rumo e os companheiros do *Fanfulla* obtiveram ganho de causa.

A União dos Trabalhadores Graphicos depois de ter agitado a questão, que nos parece importante, conseguiu entabolar negociações com o Sr. Rotellini.

Foram então acertadas as condições para a volta ao trabalho dos companheiros que se achavam em *grève* e tomadas mais outras medidas taes como augmento no milheiro de quadratins, reducção de hora no trabalho diurno e nocturno, creação de um lugar de retranca para os diversos serviços da officina inherentes a esse cargo etc., e descanço de um dia por semana para a corporação.

E' pois evidente que a União dos Trabalhadores Graphicos de S. Paulo não descurou da causa em que com tanto acerto se empenhou obtendo victoria.

Que o exemplo aproveite aos nossos companheiros da Liga das Artes Graphicas desta capital.

Nobre exemplo.— Isto póde parecer que já vem tarde, mas para registrar uma boa ação sempre é tempo. Como é notorio, a companhia de bonds Vila Izabel distribue todos os anos, pelo Natal, a titulo de festas alguns contos de réis pelo seu pessoal.

O ano que findou, porém, alguns destes trabalhadores tomaram a iniciativa de abrir entre os colegas uma subscrição afim de obterem o dinheiro preciso para oferecerem tambem por essa ocasião um mimo de festas ao patrão.

Ora este facto, apezar da sua simplicidade e da normalidade com que é repetido entre nós, não é mais que uma degradação aviltante para os que nele tomam parte. Porque, por mais sincera que seja toda a lisonja feita por empregados a patrões, leva sempre o estigma da bajulação, da vilania. E, si profundamos um pouco este terreno, não encontramos no fundo, sinão isso.

Desta vez, porém, e para satisfação dos que se empenham pela elevação moral dos trabalhadores, o director daquela empreza compreendeu tudo isso. E quando lhe apareceu a comissão encarregada da entrega do dito mimo, ele recusou terminantemente a oferta, dando assim, de um só golpe duas bofetadas moraes: uma, nessa burguezia chata e besta que todos os dias para ahi sanciona praticas identicas; outra nesses desgraçados trabalhadores que, por vilania, por baixeza, por cobardia, por burrice e ingenuidade constantemente obrigam a familia operaria a representar infamantes papeis.

Os nossos aplausos, pois, ao digno director.

Colaboração.—Pedimos a atenção dos nossos estimados colaboradores para o novo tamanho e para o novo caracter de *Emancipação*. Nós precisamos fazer um jornal interessante e instructivo, de leitura variada e leve. Porque, depois de estenuado por uma jornada de trabalho estafadora, outra coisa não póde tragar o operariado, principalmente o tipografo.

Observamos mais que, a não ser de trabalhadores manuaes, operarios, propriamente ditos, só aceitamos a colaboração que por esta redação fôr solicitada. Temos agora em mão varios artigos; uns porque escapam á natureza da nossa folha, não serão publicados; outros, segundo sua oportunidade e importancia, irão aparecendo. Esperamos que ninguem nos leve isto a mal: cumprimos a nossa missão.

Outrosim, aceitamos de muito bom grado e agradecemos qualquer informação sobre arbitrariedades e injustiças cometidas nas oficinas ou nas fabricas. Estas informações devem porém vir acompanhadas de toda a autenticidade, responsabilisando-se o remetente pela verdade do seu conteúdo.

Internacional União dos Operarios. — Esta agremiação operaria de Santos, cuja séde é á rua Braz Cubas 12, enviou o mez passado a esta capital, como seus delegados, afim de ractificarem um pacto de solidariedade anteriormente celebrado com a União dos Estivadores, os activos companheiros José Borges e Artur de Freitas, os quaes regressaram no dia 1° do vigente.

Aqui estes camaradas tiveram para comnosco palavras de gentileza e encorajamento, que muito nos penhoraram. A eles, pois, e á associação que tão brilhantemente representam, as nossas felicitações, pela obra que estão ezecutando e a nossa solidariedade na lucta em que se empenham.

Ulysses Martins.— Este nosso estimado camarada, a pedido de amigos, desistiu da publicação do manifesto que anunciára sobre os factos que motivaram a sua demissão da *Gazeta de Noticias*.

Folgamos em dar esta noticia, porque vemos no facto a prova de que o nosso amigo soube comprehender que inimigos gratuitos e vis, só merecem desprezo e olvido.

Nova associação.— Acaba de fundar-se na Bahia, na residencia do Sr. Alfredo Liza, uma nova agremiação de tipografos, que se propõe difundir instrução e defender a classe por meio de um jornal.

A' novel associação os nossos votos de prosperidade.

L. Lucas dos Santos.— Este presado companheiro, que tantos e tão bons serviços têm prestado á Liga das Artes Graficas, espos ha pouco, em assembléa desta agremiação os lamentaveis factos ocorridos ultimamente na A. B. dos Empregados do *Correio da Manhã*, nos quaes tomara parte como presidente que era da referida sociedade.

E' bem a contra gosto que nos ocupamos dessa questão: entretanto, como o bom camarada nos pediu insistentemente que publicassemos ao menos um resumo da sua esposição, vamos tenta-lo, embora não nos aprofundemos nos seus detalhes.

O principal escôpo da esposição do nosso amigo Lucas foi provar á assembléa que o ouvia (o que fez por meio de copias de actas e outros documentos) que, procedendo judicialmente contra um tesoureiro da sociedade de que era presidente, não o fizera movido por odios pessoaes e como perseguidor, conforme alguem insinuára; mas sim como cumpridor de uma missão que lhe fôra confiada por uma assembléa composta de associados legalmente habilitados, cujos nomes anunciou. A quem tiver sobre isso alguma duvida, o companheiro Lucas dos Santos fornecerá os documentos comprovativos.

Apesar de não entrarmos nos detalhes dessa questão, não deixaremos de fazer algumas considerações sobre tão lamentavel incidente, visto que tanto veio concorrer para aumentar a desunião reinante na classe tipografica.

Alguem já disse: « O primeiro passo para a união geral dos compositores é acabar com as associações beneficentes dos diversos diarios; pois, a despeito dos beneficios aparentes, que elas possam oferecer, são sempre prejudiciaes aos seus membros.» Tal é a verdade acsiomatica que nós, oportunamente, tornaremos vidente aos mais miopes.

O amigo Lucas foi victima dessas organisações. Quebrou lanças, lutou, sacrificou-se por um corpo frio, reles e sem alma, como são as instituições qaseadas no estreito e mesquinho interesse pes-

soal; e, depois disso tudo, acaba de colocar-nos nesta posição: nós, que reconhecemos os bons serviços que ele tem prestado á Liga, que reconhecemos as boas qualidades dos seus sentimentos, não podemos, na situação em que ele se encontra, oferecer-lhe o nosso apoio moral, a nossa solidariedade; — porque o nosso amigo Lucas quebrou lanças e sacrificou-se precisamente por aquilo que nós condanamos e temos interesse em destruir: essa especie de associações beneficentes.

Nós estamos cansados de clamar: a decantada igualdade de direitos civis, sancionada por todos os paizes modernos e por todas as associações, é uma burla, uma ironia, uma utopia impossivel ante a desigualdade economica. Igualdade civil só a póde haver onde ha igualdade economica. Ora, como nas associações de que tratamos eziste a desigualdade economica representada pelos patrões e seus delegados, o nosso amigo Lucas cometeu uma ingenuidade, de que foi victima, querendo fazer vingar a igualdade civil. Igualdade só entre iguaes. E é por isso que nós, para combater a desigualdade civil ou politica imperante nas sociedades modernas, apenas procuramos estabelecer a igualdade economica. Sómente esta trará aquela.

Assim, temos dito. E, fazendo votos para que se ponha uma pedra sobre esse anojoso incidente, esperamos que para o futuro Lucas dos Santos sacrificará a sua energia a causas mais dignas das qualidades que o distinguem.

Conferencia.— Os companheiros tipografos devem estar lembrados da subscrição aqui aberta pelo camarada Mota Assunção, aussiliado por outros colegas, afim de publicar em folheto a conferencia por ele efectuada na Liga, em 23 de outubro ultimo.

Essa subscrição rendeu apenas 13$300, assim obtidos: Lista do Lucas: Ricardo dos Santos 2$, José Nunes 300, Silva 1$, Lucas dos Santos 500, lista do Augusto: Xilef 1$, Augusto 1$, Manuel 1$. Toledo 500, Heraclito 500, Pinho 500, Lima 500, Braga 500, Luiz 500; lista do Emilio: Prado 1$, Americo Nunes 500, Emilio Mendonça 1$ — total: 13$300.

Ora, com esta importancia, muito grande na sua significação, mas demasiado pequena para o fim a que se destinava, nada se podia fazer, pois a publicação da conferencia andava em 130$. E' verdade que varios outros colegas haviam assinado e, si lhes fossemos lembrar, dariam o dinheiro; porém, ainda assim a quantia obtida não chegava. E não se achando muito boas as finanças da *Emancipação*, resolveu Mota Assunção destinar-lhe essa quantia, o que fez em nome e honra dos sinatarios. Quem quer que, por ventura, não esteja conforme com tal resolução, será pelo mesmo colega reembolsado. A conferencia irá aparecendo em artigos desta revista.

União Auxiliadora dos Sapateiros.— Este operoso nucleo de trabathadores, no intuito de beneficiar os seus membros, iniciou agora a fundação de uma cooperativa de producção de calçado, cujas bases e mais detalhes os interessados encontrarão na secretaria da mesma sociedade.

Segundo o projecto impresso que foi espalhado, cujo ezemplar aqui temos, a empreza é muito prometedora. Que os camaradas sapateiros despertem! — Eis os nossos votos.

Federação das Associações de Classes. Em sessão de 11 do andante, para a qual foram convidadas todas as agremiações que não lhe estão filiadas, resolveu esta sociedade reformar seus estatutos afim de atender a algumas reclamações motivadas pela sua antiga organisação.

Oportunamente daremos aqui a nossa opinião sobre esse importante assunto; pois parece-nos que ante o atrazo e curteza de vistas sociaes em que se acham as associações operarias desta capital,— bastando a muitas simplesmente os seus titulos para o revelar— é demasiado apressada a idéia de federalas, submete-las a uma organisação unica, principalmente quando a agremiação que isso pretende deu ainda ha pouco, por motivo dos factos de 14 de novembro, tão sobejas provas da sua falta de programa social. Emfim, todas as questões teém duas faces. Falaremos depois.

Pensamentos

Conta-nos a fabula que os degráos superiores de uma escada de mão diziam um dia arrogantemente aos degráos inferiores:

— « Pensais então que sois nossos iguaes? Vós estaes no pó emquanto que nós dominamos o espaço. A gerarchia dos degráos foi introduzida pela natureza e é consagrada pelo tempo. E' uma gerarchia legitima. »

Um philosopho que passava ouviu estas nobres palavras; — sorriu e mudou a posição da escada: os de baixo para cima, os de cima para baixo.

H. HEINE.

A sciencia proclama como escopo final de seus ensinamentos a solidariedade e a fraternidade universaes.

BERTHELOT.

De todas as sementes confiadas á terra é o sangue dos martyres a que mais depressa fructifica.

BALZAC.

A exploração capitalista baseia-se na ignorancia e na desunião dos trabalhadores. A União e a instrucção impõem-se consequentemente.

A organisação é a arma invencivel de que deve lançar mão todo o obreiro consciente afim de conseguir a sua emancipação economica.

Agentes da «Emancipação»

Em Campos, no E. do Rio — o nosso amigo Caribaldino Martins; na Bahia, o collega João Batista de Oliveira Costa, estabelecido com tipografia nas Grades de Ferro.

Precisamos de agentes em todas as outras cidades onde os não temos; e muito penhorados ficaremos a quem para isso se nos oferecer.